

O PENSAMENTO MÉDICO BRASILEIRO NA DÉCADA DE 1840 NO BRASIL: O CASO DA FRENOLOGIA

Maria Fernanda Pinheiro Oliveira¹

Resumo: Compreendendo que o saber médico do século XIX tinha como base uma abordagem que correlacionava ordem social e saúde pública, é possível observar nas teses dos médicos aspirantes ao título de "doutor" uma recorrência de ideias sobre o controle do espaço urbano e da população considerada perigosa - tais como delinquentes, libertinos, prostitutas, loucos e vagabundos. Essas teses abordavam temas como medicina legal, legislação criminal, prostituição, aborto, frenologia e higiene das prisões, dentre outros assuntos relacionados, indicando "falhas" na legislação criminal decorrentes da falta de consideração do conhecimento médico na formulação das leis. Diante disso, esta nota de pesquisa tem como objetivo apresentar o tema da frenologia no discurso médico brasileiro, na década de 1840 no Brasil. Este texto parte de uma parcela dos resultados da pesquisa de Iniciação Científica, "As aproximações entre direito e medicina entre as décadas de 1840 e 1860 no Brasil" financiada pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e finalizada no ano de 2023.

Palavras-chave: História da Medicina no Brasil; Frenologia; Discurso médico.

BRAZILIAN MEDICAL THOUGHT IN THE 1840s IN BRAZIL: THE CASE OF PHRENOLOGY

Resume: Understanding that 19th-century medical knowledge was based on an approach correlating social order and public health, it is possible to observe in the theses of aspiring medic seeking the title of "doctor" a recurrence of ideas about the control of urban space and the population deemed dangerous - such as delinquents, libertines, prostitutes, madmen, and vagabonds. These theses addressed topics such as legal medicine, criminal legislation, prostitution, abortion, phrenology, and prison hygiene, among other related subjects, indicating "flaws" in criminal legislation resulting from the lack of consideration of medical knowledge in law formulation. Therefore, this research note aims to present the theme of phrenology in the Brazilian medical discourse in the 1840s. This text is based on a portion of the results from the Scientific Initiation research, "The Approaches between Law and Medicine

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Contato: maria.pinheiro@unifesp.br.

between the Decades of 1840 and 1860 in Brazil," funded by CNPQ (National Council for Scientific and Technological Development) and concluded in the year 2023.

Keywords: History of Medicine in Brazil; Phrenology; Medical Discourse.

Introdução

Esta pesquisa sustenta como hipótese que parte significativa do pensamento médico brasileiro da década de 1840 movimentava-se em três direções principais: luta por espaço e por influência política e cultural na formação das elites; esforço de reflexão sobre as relações entre medicina e sociedade, e formação das bases de uma nova criminologia. Esta orientação se deve, por um lado, ao estágio ainda amadorístico em que se encontrava o ensino da medicina no Brasil entre as décadas de 1830 e 1850,² como um saber não especializado e não profissionalizado, bem como à formação e difusão de uma "ideologia biologizante",³ que pretendia instaurar uma nova gestão política guiada por critérios médicos, conforme modelo europeu em curso.

Para os estudiosos do tema, o século XIX marca o surgimento da política guiada por critérios médicos. Tais profissionais tinham o poder de definir o que era perigoso para a sociedade, no preciso sentido daquilo que podia contagiar e interromper a normalidade social burguesa em ascensão.⁴ O pensamento higienista que surge a partir dessa ideia visa estabelecer uma correlação direta entre saúde pública e ordem social, de tal modo que se possa controlar o espaço urbano e a população composta de elementos

² SANTOS FILHO, Lycurgo. Medicina no período imperial. in: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*, v. 3. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.

³ COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

⁴ ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos pensamentos criminológicos*. Rio de Janeiro: Revan, 2008. CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

considerados perigosos: vagabundos, delinquentes, libertinos, prostitutas, loucos etc.

O ramo da medicina que mais se destaca neste sentido é a psiquiatria.⁵ Os estudos psiquiátricos estavam muito relacionados aos da frenologia de Franz Gall (1758-1828), sobretudo sua crença de que muitas doenças mentais tinham manifestações visíveis na forma e tamanho do cérebro. Um dos nomes importantes da psiquiatria desta época foi o médico francês Jean-Étienne Dominique Esquirol (1772-1840). Em seu livro *Tratado de doenças mentais* (1838), aparece pela primeira vez o conceito de “monomania”, doença mental em que uma única ideia parece absorver todas as faculdades mentais do indivíduo (especialmente relacionada com os delitos). Ele e o grupo reunido em torno da revista *Annales d'Hygiène Publique et de Médecine Légale* lograram “impor a lei de 1838, que, ao regular a situação jurídica dos doentes mentais”, incorporaram, assim, o campo médico ao campo jurídico⁶.

Benoit-Augustin Morel (1809-1873), em seu *Tratado sobre a degeneração* (1857), delineou pela primeira vez o campo da “psicopatologia criminal”, onde o “delinquente” é tratado como um “doente mental”. Esta abordagem teria profunda influência posterior em Cesare Lombroso (1835-1909) e na criminologia positivista.

Uma vez que a delinquência tinha causas biológicas identificáveis, a penologia deveria centrar-se nas predisposições dos criminosos e não tanto no fato delitivo em si. Deveria por isso deixar a doença de lado e tratar do doente. Aqui é onde a ideia médica de prevenção, em substituição à terapêutica convencional, tende a predominar entre criminologistas. Em síntese, Franz Gall propunha que a legislação penal abandonasse qualquer aspiração de justiça e se orientasse para a prevenção de crimes e a proteção

⁵ BYNUM, William. *História da medicina*. Porto Alegre/RS: L&PM, 2011.

⁶ ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos pensamentos criminológicos*. Rio de Janeiro: Revan, 2008, p. 248.

da sociedade contra os incorrigíveis, os quais poderiam ser identificados facilmente por meio de seus métodos craniológicos.

Trata-se de um ponto de vista útil à burguesia que se torna hegemônica e precisava articular o discurso jurídico liberal com as desigualdades próprias do sistema de produção e, com isso, frear as reivindicações das classes subalternas. Essas ideias eram concordantes com as necessidades de enfrentar o princípio igualitário do liberalismo mediante a demonstração científica da desigualdade natural dos mais pobres. Por esse motivo elas foram bem-sucedidas em muitos lugares. Em 1823, foi criada uma sociedade frenológica na Inglaterra e em 1832 na França.⁷

A consequência principal dos estudos frenológicos foi estabelecer uma distinção entre tipos humanos, que deveriam ser tratados de forma diferente. Neste sentido, o antecedente da frenologia foi a fisiognomia, de autores como Joahnn Kaspar Lavater (1741-1801), que em seu livro *Fragmentos de fisiognomia* propunha conhecer o homem através de sua fisionomia.

Entretanto, quem levou mais longe a frenologia de Gall, no sentido do “racismo científico”, foi Paul Broca (1824-1880). Para ele, o crânio explicava a raça. Os negros e mulatos apresentavam um maior desenvolvimento físico, mas em compensação tinham um menor desenvolvimento cranial. Foi neste âmbito de ideias que teve origem a antropologia física, cuja primeira cátedra organizada apareceu em Paris, em 1855, com Armand de Quatrefages (1810-1892).

A medicina no contexto brasileiro

Qual era a situação da medicina brasileira neste contexto? A história da Medicina no Brasil remonta à época da transferência da Corte, em 1808, quando foram criadas as escolas de Cirurgia da Bahia e do Rio de Janeiro,

⁷ ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos pensamentos criminológicos*. Rio de Janeiro: Revan, 2008, p. 247.

cujas aulas eram ministradas nos hospitais militares das duas províncias. Segundo Lycurgo Santos Filho, o ensino era “dos mais precários” e estava dominado por doutrinas vindas da França. Apenas em 1832 as duas escolas foram transformadas em faculdades de Medicina e o modelo para isso também veio de Paris. Apesar do status adquirido, o ensino continuou “casuístico, livreresco e teórico”, pois inexistiam “laboratórios e aparelhagens necessárias às pesquisas”.⁸ Este amadorismo inicial do ensino médico nas faculdades de medicina do país apenas começaria a ser mudado com os médicos ligados à Escola Parasitológica e Tropicalista da Bahia e à *Gazeta Médica da Bahia*, a partir da década de 1860⁹ e só seria definitivamente superado com a medicina bacteriológica do início do período republicano. Em suma, ao menos até a década de 1870 teria predominado nas academias imperiais o estilo beletrista e bacharelesco.

Flávio Edler defende, no entanto, o predomínio do uso de argumentos científicos na medicina acadêmica praticada no Brasil imperial, mas com uso ideológico, como entre higienistas¹⁰. Nos anos 1830, os psiquiatras brasileiros, como evidenciado por Jurandir Freire Costa, estavam profundamente influenciados pela Escola de Paris. Eles acreditavam na possibilidade de prevenir o surgimento de doenças mentais por meio do conceito de higiene psíquica e racial, o que os aproximava da ideologia biologicista e eugenista que estava se desenvolvendo, principalmente na França¹¹.

A partir disso, a pesquisa buscou analisar as “teses doutorais”¹², produções científicas escritas pelos médicos a fim de que recebessem o título

⁸ SANTOS FILHO, Lycurgo. Medicina no período imperial. in: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*, v. 3. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976, p. 153-154.

⁹ NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2003.

¹⁰ EDLER, Flávio Coelho, A natureza contra o hábito: a ciência médica no Império. Acervo, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 153-166, jan/jun 2009. EDLER, Flávio Coelho. *A medicina no Brasil imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

¹¹ COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

¹² Teses Médicas do Século XIX. Disponível em: <<http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-medicos/teses-medicas/>>. Acesso em: 15 maio. 2023.

de doutor ao se formarem¹³, disponíveis no acervo digital da Biblioteca Virtual em Saúde, a fim de saber em que medida os temas tratados denotam certa preocupação com a “questão criminal” e, com isso, certa aproximação com o campo do direito. Nesse sentido, um dos temas encontrados nessas teses foi o da frenologia, a qual nos aprofundaremos em seguida.

Para analisar essa ampla gama de fontes, este estudo utilizou de uma abordagem metodológica fundamentada em duas perspectivas teóricas distintas. Inicialmente, a metodologia proposta por Michel Foucault em sua obra *A Ordem do Discurso*¹⁴ para explorar e compreender a intencionalidade ideológica presente nas argumentações médicas dos autores. Recorremos, também, às contribuições teóricas de Thomas Kuhn¹⁵, filósofo e historiador das ciências, para orientar a abordagem à história da ciência, especialmente em relação às suas complexas contradições temporais.

Nesse contexto, uma consideração fundamental baseada nas ideias de Thomas Kuhn foi reconhecer que a ciência produzida durante o período em análise refletia a concepção científica da época, não se alinhando necessariamente com as noções contemporâneas de ciência. Este entendimento é crucial para não rotular a ciência daquele contexto como “pseudociência”, uma vez que a ciência é permeada por discursos e relações de poder, e, acima de tudo, não isenta de questionamentos.

A Frenologia nas teses doutoriais

Como e com que frequência o tema da frenologia era tratado pelos médicos que buscavam o título de doutor na década de 1840 no Brasil? Quais as intenções de poder e controle social no discurso médico a partir dos ideais

¹³ Esse processo foi implementado a partir de 1832, como obrigatoriedade para a formação dos novos médicos, com o objetivo de profissionalizar a carreira médica brasileira.

¹⁴ FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola. São Paulo, 1996.

¹⁵ KUHN, Thomas. *Revolução Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

da frenologia? Essas foram algumas das questões que, dentre os diversos temas que encontramos nas teses, instigaram este texto.

Mesmo que a frenologia não seja a ideologia predominante entre os médicos formandos, é notável a frequência com que esse tema é mencionado nas teses doutoriais. Dois exemplos disso são encontrados em teses datadas de 1840 e 1846: *Frenologia*, escrita por Salustiano Ferreira Souto¹⁶, e, *A inteligência do homem explicada pelo sistema frenológico*, de autoria de José Manoel de Castro Santos¹⁷. Na primeira tese, a frenologia é apresentada como uma ciência que explora a fisiologia do cérebro e suas conexões com as faculdades mentais, baseando-se na disposição cerebral. O autor destaca como os atos morais e intelectuais estão intrinsecamente ligados ao funcionamento cerebral, e como a forma e elevação do crânio são associadas à massa cerebral, permitindo aos frenologistas inferir sobre o desenvolvimento parcial da massa cerebral.

A segunda tese aprofunda ainda mais seus princípios. A frenologia é descrita como uma nova doutrina sobre a moral humana, baseada na análise das disposições anatômicas do cérebro e do cerebelo. Castro Santos destaca que a Frenologia se baseia na observação e experiência, permitindo um conhecimento profundo sobre o caráter intelectual e moral do homem. O autor divide as disposições anatômicas em instintos, sentimentos e faculdades intelectuais, cada um desempenhando um papel específico no comportamento humano. Ele argumenta contra a ideia de que as faculdades mentais e as paixões dependem do temperamento, defendendo que este não determina o caráter intelectual e moral do indivíduo, uma vez que a inteligência está ligada à organização cerebral e não ao temperamento. Outro ponto importante discutido na tese é a influência do clima e do

¹⁶ SOUTO, Salustiano Ferreira. *Frenologia*. Bahia: Typ. de Galdino José Bizerra e Companhia, 1840.

¹⁷ SANTOS, José Manoel de Castro. *A inteligência do homem explicada pelo sistema frenológico*. Bahia: Typ. do Mercantil, 1846.

ambiente na formação do caráter humano. De acordo com o autor, a frenologia reconhece que diferentes fatores ambientais podem influenciar o desenvolvimento do cérebro e, consequentemente, do comportamento humano.

Ambas as teses dão ênfase à conexão entre o aspecto físico e moral do ser humano, explorando como as inclinações e as faculdades intelectuais poderiam ser analisadas por meio do exame dos órgãos cerebrais. No entanto, enquanto a tese de 1840 destaca as faculdades instintivas do cérebro, relacionando-as à "combatividade" e à formação de militares, a tese de 1846 discute como as faculdades são divididas em diferentes categorias, como destrutividade e acquisividade, que determinam comportamentos específicos.

Além disso, as 2 teses também apontam para as implicações sociais e legais da frenologia. Elas destacam como essa teoria poderia ser aplicada para prever comportamentos e identificar inclinações, especialmente em contextos legais, como viria a ser utilizado na criminologia positivista mais adiante. No entanto, também identificamos algumas divergências entre as 2 teses: enquanto a tese de 1840 destaca a necessidade de estudar e entender as limitações da frenologia, a tese de 1846 critica a falta de consenso na atribuição de funções cerebrais e ressalta a influência de fatores ambientais no desenvolvimento do comportamento humano. Assim, embora ambas as teses se concentrem na frenologia e sua relação com a mente e o comportamento humano, elas abordam a teoria de maneiras distintas, explorando seus princípios, implicações e limitações, enquanto também estabelecem conexões com a medicina legal e aspectos sociais.

Como dito anteriormente, a frenologia foi uma corrente ideológica que não agradou a todos. Na análise das teses, encontramos autores que se opunham e criticavam os preceitos frenológicos: Antônio Pereira D'Araujo

Pinto, na tese intitulada *Algumas proposições de frenologia*¹⁸, de 1841, procura refutar a doutrina frenológica. Para isso, se utiliza das comparações do cérebro do boi com o do ser humano. Para D'Araujo, uma vez que o cérebro do boi é maior do que o cérebro humano, a inteligência não está diretamente ligada ao tamanho do cérebro. Ele destaca o potencial de intelectualidade presente no boi, contrariando a noção de que apenas o tamanho do cérebro determina a capacidade cognitiva.

As teses favoráveis à frenologia possuem uma forte relação com a higienização e o modo de controle social do século XIX. O ponto de partida da frenologia é a crítica da ideia liberal de livre-arbítrio: a causa da ação humana não é intelectual e nem está relacionada a um livre ato de vontade, mas sim a fatores biológicos e pode ser observada por meio da "cranioscopia". "Ao frenólogo interessavam especialmente os crânios dos delinquentes, pois neles as faculdades mencionadas se revelariam de forma mais extrema e para comprovar essa suposição seriam realizadas diversas autópsias de condenados"¹⁹.

Dessa maneira, essa doutrina foi utilizada para justificar ideias de superioridade e inferioridade de certos grupos sociais em relação a outros com base em supostas diferenças biológicas, o que servia como uma forma de legitimar a hierarquia social existente e reforçar a ordem social vigente. A ideia de que algumas faculdades intelectuais eram mais desenvolvidas nos homens do que nas mulheres, por exemplo, foi usada para justificar a subordinação das mulheres na sociedade. Da mesma forma, a atribuição de características específicas a determinadas regiões do crânio era empregada para reafirmar estereótipos e preconceitos em relação a grupos étnicos ou sociais.

¹⁸ PINTO, Antônio Pereira D'Araújo. *Algumas proposições de frenologia*. Rio de Janeiro: Typ. de J. E. S. Cabral, 1841.

¹⁹ ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos pensamentos criminológicos*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

Em síntese, a análise do discurso frenológico no contexto da medicina brasileira do século XIX revela a complexidade e as contradições presentes na formação e prática médica do período. A medicina no Brasil imperial, marcada por influências francesas e um ensino ainda incipiente, refletia um ambiente acadêmico caracterizado pelo predomínio de abordagens beletristas e bacharelescas até pelo menos a década de 1860. Sob a perspectiva metodológica de Foucault e Kuhn, a análise das teses doutorais fontes demonstrou a forte influência da Escola de Paris na psiquiatria brasileira entre as décadas de 1840 e 1860, evidenciando a crença na prevenção de doenças mentais por meio da higiene psíquica e racial, e, sobretudo, pela frenologia cuja presença era significativa nesse cenário acadêmico.

Embora não seja a ideologia predominante, a frenologia é abordada em diversas teses, o que revela a forte conexão feita pelos médicos formandos entre aspectos físicos e morais do ser humano. As divergências entre as teses, como a crítica à falta de consenso na atribuição de funções cerebrais e a influência de fatores ambientais, demonstram a variedade de perspectivas dentro da própria comunidade médica.

Portanto, a frenologia, ao ser analisada em suas implicações sociais e legais, revela-se como uma corrente ideológica que, embora contestada por alguns, teve forte influência na higienização e controle social do século XIX. A utilização da "cranioscopia" para justificar hierarquias sociais e reforçar estereótipos evidencia o caráter ideológico dessa abordagem, que foi, inclusive, usada posteriormente pelos criminologistas positivistas com o objetivo de analisar o cérebro do criminoso. Assim, a medicina do período não apenas refletia as concepções científicas do momento, mas também estava imersa em discursos e relações de poder, contribuindo para a legitimação de estruturas sociais.

Teses Médicas do Século XIX. Disponível em: <<http://hpcs.bvsalud.org/vhl/temas/historia-saberes-medicos/teses-medicas/>>. Acesso em: 15 maio. 2023.

PINTO, Antônio Pereira D'Araújo. *Algumas proposições de frenologia*. Rio de Janeiro: Typ. de J. E. S. Cabral, 1841.

SANTOS, José Manoel de Castro. *A inteligência do homem explicada pelo sistema frenológico*. Bahia: Typ. do Mercantil, 1846.

SOUTO, Salustiano Ferreira. *Frenologia*. Bahia: Typ. de Galdino José Bizerra e Companhia, 1840.

Referências bibliográficas

ANITUA, Gabriel Ignacio. *Histórias dos pensamentos criminológicos*. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

ANTUNES, José Leopoldo Ferreira. *Medicina, leis e moral: pensamento médico e comportamento no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: UNESP, 1999.

BYNUM, William. *História da medicina*. Porto Alegre/RS: L&PM, 2011.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

COSTA, Jurandir Freire. *História da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

EDLER, Flávio Coelho. A natureza contra o hábito: a ciência médica no Império. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 153-166, jan/jun 2009.

EDLER, Flávio Coelho. *A medicina no Brasil imperial: clima, parasitas e patologia tropical*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2011.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola. São Paulo, 1996.

KUHN, Thomas. *Revolução Científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

NAVA, Pedro. *Capítulos da história da medicina no Brasil*. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2003.

SANTOS FILHO, Lycurgo. Medicina no período imperial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de (org.). *História geral da civilização brasileira*, v. 3. Rio de Janeiro: DIFEL, 1976.